



DIGA
À aRTE pela aRTE
NÃO!

CADERNO PEDAGÓGICO

Leitura de manifestos literários no ensino fundamental

EVANDRO OLIVEIRA SANTOS

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237m Santos, Evandro Oliveira

O manifesto literário como ação de linguagem: uma proposta de didatização do gênero para a leitura em sala de aula / Evandro Oliveira Santos; orientador: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2018. 79 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Letras língua portuguesa. 2. Textos. 3. Leitura. 4. Gêneros literários. I. Silva, José Ricardo Carvalho da. II. Título.

CDU 811.134.3(81):37

*Aos artistas-cidadãos: Oswald, Tarsila, Sérgio Vaz, Mano Brown, Criolo e tantos
outros, por terem a ousadia de cantar a poesia dos fatos.*

SUMÁRIO

Apresentação	1
1. Para começo de conversa.....	4
2. Interpretação inicial: uma primeira leitura	10
3. Conhecendo um pouco mais sobre o gênero	18
4. Um outro discurso, da diversidade	25
5. Um pouco mais...manifesto antropófago.....	30
6. Interpretação final: um passo adiante no projeto antropofágico: a periferia	30
Referências	38
Apêndice: conceitos centrais do ISD.....	39

Apresentação

O presente caderno pedagógico é resultado de pesquisa de mestrado, aplicada em turma de 9º ano do ensino fundamental em escola pública do município de Paripiranga, estado da Bahia. Este material está voltado para a leitura de textos sob uma perspectiva interacionista sociodiscursiva, de modo a mobilizar as capacidades de linguagem dos estudantes, na medida em que apresenta situações de interação pela leitura do gênero manifesto literário, com o objetivo de possibilitar a apropriação dos conhecimentos vinculados às ideias estético-literárias apresentadas nos textos, através de uma Sequência Didática de Leitura (SDL), apoiada em atividades de interpretação focadas no modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart (2009), que consiste em uma análise que leva em conta dois níveis: um relacionado ao contexto de produção e, o outro, voltado à arquitetura textual, também chamado *folhado textual*.

Nesse caderno, propomos a leitura discursiva de três textos de referência (Manifestos da *Poesia Pau-Brasil*, *Antropófago* e *da Antropofagia Periférica*). Tais textos vinculam-se a práticas sociais de contestação pública mobilizadoras de discursos estéticos: parnasianos, modernos e contemporâneos.

Cabe salientar que ler discursivamente um texto é dialogar com ele, confrontando sentidos e levando em conta práticas sociais. Assim, propomo-nos:

- Identificar as características do gênero manifesto literário;
- Interpretar manifestos literários;
- Compreender o plano global, o discurso e as sequências predominantes nos textos;
- Identificar as vozes e julgamentos;
- Estabelecer relações discursivas no processo de leitura dos textos.

Durante as atividades de leitura, outros gêneros foram mobilizados, em caráter complementar, a exemplo da charge, da poesia, incluindo texto em esquete, utilizados na contextualização da situação de apresentação do discurso de contestação e das poesias parnasianas e modernas.

A SDL está assim organizada:

1- Apresentação da situação de comunicação

- Para começo de conversa

Uma charge para discutir o discurso com viés elitista, seguida da música *Diga não* para discutir a contestação discursiva. Essa primeira parte é concluída com a leitura introdutória de manifestos diversos como fios condutores do discurso de contestação pública.

2 - Interpretação inicial

- Leitura discursiva do texto *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, focada em três aspectos: a) *olhar de contexto*, com abordagem de quem produziu? Quando produziu? Por quê produziu? Com quem dialoga?; b) *a organização do conteúdo* temático, voltado para os elementos estruturais do texto, o discurso, as sequências mobilizadas; e *olhar linguístico-discursivo*, voltado para os elementos de coesão, vozes e julgamentos. Tais aspectos são avaliados pela Ficha de Interpretação Diagnóstica, utilizada como instrumento para as atividades seguintes e, ao final, para mediar a avaliação do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Módulo 1: Conhecendo um pouco mais sobre o gênero...

- Leituras complementares de esquetes e poesias como formas mediadoras na compreensão do conceito de gênero manifesto, percebendo a estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos, além de pautar-se na *arte pela arte*.

Módulo 2: Um outro discurso, da diversidade

- Identificar no esquete e afins as marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva, além de destacar outros elementos discursivos mobilizados como discurso de contestação à *arte pela arte*.

Módulo 3: Um pouco mais...Manifesto Antropófago

- Leitura do texto *Manifesto Antropófago*, focado nos aspectos: a) plano de texto, fases argumentativas, as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizados

Interpretação final

- Leitura discursiva do texto *Manifesto da Antropofagia Periférica* em intertexto com os demais manifestos, utilizando-se do modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo. Ao final da atividade, deve-se utilizar a Ficha de Interpretação Final para avaliar o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O caderno é complementando com as referências e o apêndice, que aborda de forma breve os principais conceitos teóricos do ISD.

Finalmente, esperamos que este caderno de leitura contribua para que você, caro (a) colega professor (a), medeie atividades de leitura de forma crítica, associada a contextos sociais de manifestação pública, de modo que possibilite a(o)s estudantes desenvolverem capacidades de linguagem, tendo como instrumental o trabalho com o manifesto, um gênero de difícil acesso e pouco estudado do ponto de vista linguístico-discursivo por parte de estudantes do ensino fundamental.

Para começo de conversa...

Objetivos:

- Identificar o discurso de contestação.
- Compreender o discurso de contestação no texto literário.
- Reconhecer o manifesto como gênero da contestação.

O que será avaliado?

- As marcas do discurso de contestação.
- O discurso de contestação no texto literário.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Explique aos alunos que essas atividades iniciais são introdutórias ao conjunto de atividades de leitura do gênero manifesto literário.

Para começo de conversa.....

Observemos a charge.



(DUKE, *Charges para o tempo*. 21 abr. 2015. Disponível em: <dukechargista.com.br>. Acesso em: 27 set. 2015.)

A charge apresenta uma cena que remete à entrada no céu.

O contexto da cena é atual, porque evidencia situações vividas na sociedade brasileira, seja no cotidiano, seja na arte.

O discurso do anjo pressupõe uma diferenciação de classe social ou nível de poder.

Vamos discutir oralmente?

1. Como é o discurso de São Pedro?

Resposta possível: a posição de São Pedro é de contestação da diferenciação sugerida pelo anjo.

2. Por que São Pedro contesta essa diferenciação apresentada pelo anjo?

Resposta possível: a posição de São Pedro é em favor de todos, indistintamente, porque no céu todos são iguais.

O discurso do não...

A contestação representada pela posição de São Pedro na Charge introdutória, aparece também na música.

Diga Não

Heróis da Resistência

Composição: Leoni

Diga não pra qualquer controle
Diga não pra qualquer descaso
Diga não pra quem não te ouve
Diga não!
Diga não pra quem destrói o mundo
Diga não pra quem constrói demais
Diga não pra falta de visão
Diga não!
Diga não pro prepotente
Diga não pro submisso
Diga não pra tudo isso
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!
Diga não pra quem faz a guerra
Diga não pra quem foge à luta
Diga não pra ter paz na terra
Diga não!

Diga não pra quem engole tudo
Diga não pra falta de apetite
Diga não pra quem não tem limites
Diga não!
Diga não pra tantas leis
Diga não pra tantos crimes
Diga não pra ficar livre
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!
Diga não pra quem tem demais
Diga não pra quem se deixa usar
Diga não pra desabafar
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!

Tome nota

O discurso do não no DICIONÁRIO:

Recusa; negação; partícula negativa oposta à afirmativa sim; de modo nenhum. (Aurélio, 2010)

Observações pertinentes

- *Heróis da Resistência* foi uma Banda brasileira de Rock' in Roll dos anos 1980. O vídeo da canção *Diga Não* pode ser localizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=okmUgWJoDrw>. Acesso em 30/05/2018.
- Professor, é recomendável a reprodução do texto da canção em cópias que possam ser coladas no caderno da disciplina. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/leoni/383635/letra/>. Acesso em 30/05/2018.

- Professor(a), ao responder conjuntamente com seus alunos às questões referentes à canção *Diga Não*, leia a matéria completa em sala e amplie a discussão. Segue o link da matéria: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,o-rock-nao-e-mais-a-musica-da-juventude-diz-leoni,70002266100>. Acesso em 14 de abril de 2018.

Foco no texto

1. Como se pode constatar, a repetição da forma verbal *diga não*, no imperativo negativo, faz contestação a um discurso que reforça:

- a) (☒) o silêncio
- b) (☐) o diálogo
- c) (☒) a desigualdade social
- d) (☐) a paz

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s concluam que as alternativas A e C são as mais adequadas. Professor(a), é importante destacar, inicialmente, que eles podem marcar mais de uma alternativa.

2. A expressão *Diga pra qualquer controle* carrega traços de contestação ao período vivido pelo Brasil (1964-1985), quando tivemos uma *Ditadura Militar* que cerceou a liberdade de expressão. O que mais você leu e ouviu falar sobre essa época?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

3. Em matéria do Jornal Estadão, de 13 de abril de 2018, Leoni fala do projeto "Leoni & Leonardo", em que promove, com Leo Jayme, a música "A Fórmula do Amor II", lançada recentemente. Para ele, "O rock não é mais a música da juventude". A esse respeito, discuta:

a) O que vocês, jovens, costumam ouvir hoje em dia?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

b) Quais estilos costumam mais apresentar o discurso de contestação na atualidade?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

Uma sugestão

- Professor(a), sugere-se que leia a matéria completa sobre a afirmação do compositor e intérprete *Leoni* para ampliar a discussão em sala de aula. Segue o link: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,o-rock-nao-e-mais-a-musica-da-juventude-diz-leoni,70002266100>. Acesso em 14 de abril de 2018.

O manifesto como gênero da contestação pública...

O manifesto é um desses textos que remetem à emissão de posição pública, contestatória, diante de fatos políticos, linguísticos, religiosos, estéticos.

Professor, seguem links de textos que devem ser lidos com o objetivo de compreender o contexto de produção em textos diversos do gênero manifesto:

Texto 1: Manifesto de Confiança ao Governo Brasileiro.

Disponível em: http://www.globalagribusinessforum.com/arquivos/manifesto_GAF.pdf. Acesso em 30/05/2018.

Texto 2: Manifesto de Girona Sobre os Direitos Linguísticos.

Disponível em: <http://www.pencatala.cat/wp-content/uploads/2016/02/portugues-portuguese.pdf>. Acesso em 30/05/2018.

Texto 3: Manifesto Terra-Mãe.

Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAenBoAB/manifesto-a-terra-mae>. Acesso em 30/05/2018.

Texto 4: Manifesto do Senhor Antipyrina.

Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/dada.htm>. Acesso em 30/05/2018.

Observação: os textos acima encontram-se também em anexo.

Foco nos textos

1. Após a leitura dos 4 textos acima, identifique o tipo de manifesto, fazendo a correspondência adequada:

Coluna dos Textos

Coluna de Classificação dos Tipos

(1) Manifesto de Confiança ao Governo Brasileiro.	(2) Manifesto Linguístico.
(2) Manifesto de Girona Sobre os Direitos Linguísticos	(3) Manifesto Religioso.
(3) Manifesto Terra-Mãe.	(1) Manifesto Político.
(4) Manifesto do Senhor Antipyrina.	(4) Manifesto Estético/Artístico.

2. Identifique o emissor (quem escreveu) e o destinatário (para quem foi escrito) cada manifesto.

Atenção, professor!

É importante lembrar a(o)s aluno(a)s que não é o nome da pessoa, mas quem ela representa: um linguista, um artista, um político, um movimento social, líder religioso, um grupo representativo...

Texto	Emissor	Destinatário
Manifesto 1	O agronegócio brasileiro	Governo Michel Temer

Manifesto 2	Um grupo de escritores / linguistas	A comunidade mundial
Manifesto 3	Um representante indígena	Ao homem branco
Manifesto 4	Um artista Dadá	A burguesia/elite artística mundial

3. Tente agora identificar o objetivo de cada manifesto, numerando cada enunciado de acordo com o tipo de texto.

(2) Apresentar uma perspectiva linguística comprometida pela valorização da diversidade e do respeito a todas as línguas.

(3) Alertar o homem branco sobre a força sagrada da terra, contra o desenvolvimento predatório impulsionado por ele.

(4) Anunciar as ideias estéticas do movimento Dadá, como uma nova concepção de arte que nega o modelo artístico burguês.

(1) Tornar público o apoio do setor do agronegócio ao governo Michel Temer.

5. Há contestação em todos os manifestos? Por que isso ocorre.

Resposta possível: Nem todos os manifestos apresentam contestação. Às vezes eles apresentam um programa, um conjunto de proposições.

Uma primeira leitura...

Objetivos:

- Diagnosticar o domínio do gênero manifesto literário, conforme modelo de análise do interacionismo sociodiscursivo.
- Identificar a zona de desenvolvimento proximal das capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O que será avaliado?

- O domínio do gênero *manifesto literário* por parte do(a)s aluno(a)s, isto é, o que eles já sabem nesse momento e o que precisam aprender.
- O texto sob o qual se pauta a avaliação inicial é o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*.
- Esse diagnóstico identifica a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), em relação ao domínio do gênero. Essa atividade orienta o planejamento das intervenções seguintes.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Explique aos alunos que os resultados dessa primeira atividade serão discutidos em correção coletiva e depois aguardos para comparação com atividade final.
- O instrumento (Ficha de Interpretação Diagnóstica) que deve ser utilizado para avaliar esse diagnóstico inicial consta ao final da atividade. Ele deve ser entregue a cada estudante, para que possa interagir com a resolução das questões, avaliando as respostas apontadas por ele e pelo gabarito da atividade, de modo que tenha um registro do domínio de sua prática leitora. Esse instrumento encontra-se em formato de tabela e deve ser colado no caderno de atividades do(a) aluno(a).

Manifesto da Poesia Pau-Brasil

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil. O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha. A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de base e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como Corpus Juris.

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia. A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação. Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo.

Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lâ mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho...Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo

grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado - o artista fotográfico.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A pleyela. E a ironia eslava compôs para a pleyela. Straviski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1a) a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Malarmé, Rodin e Debussy até agora. 2a) o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos. A síntese. O equilíbrio. O acabamento de carrosserie. A invenção. A surpresa. Uma nova perspectiva. Uma nova escala. Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil.

O trabalho contra o detalhe naturalista - pela síntese; contra a morbidez romântica - pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa.

Uma nova perspectiva.

A nova, a de Paolo Ucello criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão de ótica. Os objetos distantes não diminuam. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao sentido puro.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

São Paulo, 18 de março de 1924.

Oswald de Andrade.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo: **Jornal Correio da Manhã**, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3629805.pdf>. Acesso em 12/03/2017.

Olhar de contexto

1. O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* foi escrito por Oswald de Andrade. Quem foi ele? Que papel ele cumpriu para o surgimento do modernismo?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s conheçam Oswald de Andrade e, portanto, identifiquem-no como artista moderno que cumpriu o papel de divulgador das ideias estéticas que rondaram a semana de arte moderna de 1922.

2. Levante hipóteses: por que foi preciso romper com arte anterior? Qual o objetivo desse texto?

Resposta possível: Espera-se que a leitura contribua para que os alunos compreendam que o rompimento com a estética/arte anterior se deveu por conta do caráter elitista, formal e clássico apresentado, o que não servia aos propósitos modernos, que são defendidos neste texto como aqueles vinculados a uma arte dos fatos reais, da vida cotidiana, sem elitista, nem formalidades.

3. A quem é dirigido o texto?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s compreendam que o texto é dirigido a toda a sociedade brasileira, porque defensor de uma nova concepção estética vinculada a identidade nacional brasileira, representada pela Poesia Pau-Brasil.

Professor(a), é importante frisar, no entanto, que o texto circulou inicialmente no jornal *Correio da Manhã*, destinado a elite paulistana.

A organização do conteúdo temático

4. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* é um texto argumentativo. O que marca isso?

Resposta possível: **tem uma tese, ideia ou ponto de vista. Há um discurso que tem comentários favoráveis e contrários. Além de procurar a adesão do leitor à *Poesia Pau-Brasil*.**

5. Assinale as alternativas possíveis, colocando V para verdadeira e F para falsa, sobre a estrutura do texto:

(**V**) Compõe-se de título, corpo do texto, local, data e assinatura.

(**V**) O título representa uma síntese do texto.

(**F**) Tem obrigatoriamente signatários.

6. Considerando que em um texto argumentativo, geralmente temos as seguintes fases:

a) Ideia ou tese

b) Argumento a favor – comentários favoráveis à ideia apresentada.

c) Argumento contra – comentários contrários à ideia apresentada.

d) Conclusão

Associe os trechos que seguem a cada fase argumentativa correspondente:

(**c**) *Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de juristas, perdidos como chineses na genealogia das ideias.*

(**b**) *A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.*

(**a**) *A poesia existe nos fatos.*

(**d**) *Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.*

(**c**) *A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.*

(**b**) *O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.*

7. O discurso é organizado no texto através de sequências textuais. Como se trata de texto argumentativo, a sequência predominante é a argumentativa. Mas existem outras: narrativa, expositiva, injuntiva, dialogal, descritiva. A esse respeito, analise os trechos e aponte a sequência textual correspondente.

Trecho 1:

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Resposta possível: **trata-se de trecho com sequência predominante narrativa, marcada pela presença do discurso direto.**

Trecho 2:

Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

Resposta possível: trata-se de trecho com sequência predominante injuntiva, marcada pela presença da forma verbal no imperativo, sugerindo o que deve ser feito *dividamos(...)*.

Olhar linguístico-discursivo

8. Logo no início, o expositor faz referência à existência da *poesia nos fatos*; contra a *erudição*, contra a *importação*, que seja *ágil* e apresente a *língua sem arcaísmos, sem erudição*. Explique a posição dele.

Resposta possível: Argumenta em favor de uma poesia do cotidiano, que usa a língua de modo que seja acessível a todos, portanto, popular, além de representante da agilidade própria da escrita automática, futurista e surreal.

9. Por que a *poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria*? Por que essa poesia ainda não foi exportada, segundo a visão do expositor?

Resposta possível: para o expositor, a poesia produzida até o modernismo era representativa da cópia, do gabinetismo, dos arcaísmos e da erudição, fugindo a uma concepção de identidade nacional. Por isso não poderia ser exportada porque era simplesmente uma tentativa de copiar os modelos clássicos.

10. Como vimos, os manifestos são textos de ruptura/contestação. Ele rompe com a estética anterior. Qual é essa estética? Você concorda com esse rompimento? Justifique

Resposta possível: trata-se da estética parnasiana. É recomendável aceitar as conclusões do(a) aluno(a) sobre o rompimento destacado, já que se trata de percepção estritamente pessoal.

11. O expositor aponta o *poeta parnasiano* como *uma máquina de fazer versos*. Há um juízo de valor negativo? Explique

Resposta possível: é importante que o(a)s aluno(a)s percebam que de fato há sim juízo de valor negativo, na medida em que fazer versos na forma parnasiana não é suficiente para as necessidades modernas.

12. Os textos argumentativos se caracterizam por fazerem a coesão com marcas diversas, sejam operadores argumentativos (mas, porém, desse modo, por conseguinte, etc) e/ou anáforas (essa, esta, aquela, ela, ele, nós, etc.). A esse respeito, julgue os itens:

I – As marcas de coesão quase não aparecem no texto.

II – A ausência de tais marcas prejudica a coesão textual.

III – A quase ausência das marcas destacam uma característica do texto moderno: a fragmentação.

a) I, II e III estão adequadas.

b) I não atende ao apresentado no texto.

c) II está correta.

d) I e III estão adequadas.

e) III foge à característica do modernismo.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a fragmentação é uma característica desse texto, não prejudicando seu entendimento, mas representando uma influência vanguardista. Portanto, a alternativa adequada é a letra (d).

13. O fio condutor do discurso nesse texto é o jogo entre o passado e o agora, entre o velho e o novo. Quem é quem?

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que o passado/velho é representativo da postura da poesia parnasiana, enquanto o agora/novo é mudança moderna anunciada.

14. Ainda sobre as marcas linguístico-discursivas desse texto, analise as afirmações, colocando V para verdadeira e F para falsa:

(V) Na pontuação, predomina o uso do ponto continuativo, com poucos elementos de retomada.

(V) A escolha lexical se confunde com o fazer estético, marcado pelo paralelismo e pela construção nominal, própria da poesia.

(V) O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo contestada.

(V) A variedade predominante é a padrão.

15. Sobre vozes e julgamentos, todas estão adequadas, exceto:

a) O trecho “(...) A contribuição milionária de todos os erros. Como *falamos*. Como *somos* (...)” apresenta voz de expositor.

b) Em “(...) Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.(...)”, há voz neutra, marcada pelo verbo na terceira pessoa.

c) Em “(...) Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.(...)” há a menção a voz social daquele que fazia versos na época parnasiana.

d) Em “(...) A *nunca* exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos (...)”, o termo *nunca* evidencia uma ordem, um julgamento sobre como deve ser a poesia Pau-Brasil.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa inadequada é a letra **d**. Esta apresenta um julgamento apreciativo do actante. E não uma norma, um valor social a ser defendido, como a questão fora construída.

Ficha de Interpretação Diagnóstica					
Olhar de contexto	Emissor	Consegue identificar quem escreveu o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo autor?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Receptor	Consegue identificar para quem se destina o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo destinatário?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Objetivo da interação	Consegue compreender o objetivo do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
Análise da arquitetura textual	A organização do conteúdo temático	Identifica o título como síntese do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende o plano (estrutura) do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue identificar as fases argumentativas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as sequências mobilizadas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as marcas de contestação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Localiza as marcas de implicação do discurso no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica os discursos em contraponto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Olhar linguístico-discursivo	Consegue compreender a coesão nominal pela fragmentação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica, na pontuação, o predomínio de ponto continuativo, com poucos elementos de retomada?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica escolhas lexicais que primam pela nominalização?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica a coesão verbal marcada pelo tempo presente	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende adequadamente quem fala no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica com propriedade os julgamentos mobilizados?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- O preenchimento desse instrumento *Ficha de Interpretação Diagnóstica* deve ser mediado pelo docente, para possibilitar a interação aluno-texto e seus elementos contextuais e constitutivos da arquitetura textual, fazendo uma leitura coletiva como forma de interação com os itens, avaliando as respostas apontadas pelos alunos e o respectivo gabarito da atividade, de modo a confrontá-los para um adequado diagnóstico do domínio da prática leitora do gênero manifesto literário.

Conhecendo um pouco mais do gênero...

Objetivos:

- Compreender o conceito de gênero manifesto.
- Reconhecer as marcas dos discursos mobilizados no manifesto literário.
- Perceber a estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos.

O que será avaliado?

- As marcas do discurso da estética parnasiana.
- As marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva.
- Outros elementos discursivos mobilizados nas esquetes e textos lidos.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Utilize-se de vídeos e slides para promover diálogo aberto sobre os discursos mobilizados.

Conhecendo um pouco mais do gênero

O que é um manifesto?

A palavra manifesto vem do latim *manifestus*, palavra formada por *manus* (mão) e *festus* (agarrado), que tem o sentido de *agarrado à mão*. Trata-se de um gênero cujo aparecimento data dos séculos XVI e XVII, na França, para divulgar posições políticas, declarações de guerra, até tornar-se um documento revolucionário com a publicação do Manifesto Comunista (1848) de Karl Marx e Friedrich Engels (Bortolucce (2015, p. 7)

O dicionário, por conseguinte, afirma que se trata de algo *evidente*, de uma *coisa manifestada*; uma *declaração pública ou solene das razões que justificam certos atos ou (...) direitos*, podendo ser também um *programa político, religioso, etc.* (Ferreira, 2010).

Manifesto é, por isso, uma ferramenta que o cidadão pode usar para emitir posição pública diante de fatos políticos, sociais, linguísticos, religiosos, estéticos. É um texto argumentativo, de tom contestatório, escrito em conformidade com o público-alvo.

O objetivo principal deste texto é dizer não a determinada situação de exercício de uma prática social, vinculada a diversos campos da ação humana. Para isso, o expositor deve usar fortes argumentos para convencer o destinatário que sua contestação é relevante e, assim, poder tê-lo como apoiador/signatário.

No campo literário, o texto utiliza-se de tom agressivo, irônico, recorrendo a estratégias próprias da poesia, como a escrita automática, a nominalização e outras influências vanguardistas modernas, não se utilizando do modelo clássico da coesão nominal feita por conectivos e operadores argumentativos, próprios de textos de sequência argumentativa.

No Brasil, os manifestos literários datam da primeira metade do século XX, com a publicação dos Manifestos da Poesia Pau-Brasil (1924) e Antropófago (1928). Tais textos objetivam convencer o destinatário da importância da arte moderna, de modo a incorporar a arte em si, como caminho fundamental para criar uma produção estética que valoriza uma arte identificada com a identidade do Brasil e de seu povo, inclusive incorporando a língua portuguesa em uso em nosso país, o que significa utilizar-se de linguagem coloquial, não formal, além da linguagem padronizada pela gramática.

Crítica da literatura como versão...

Assistir a esquete *Versão brasileira*, produzida pelo grupo Portas do Fundo.



Disponível em: <https://youtu.be/ykgZvSzcuDk>. Acesso em 01 de março de 2018.

Vamos discutir oralmente?

1. A dublagem é igual à fala do personagem?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s percebam que não, pois se trata de uma tentativa de representação da fala, mas apresenta diferenças diversas.

2. O que muda?

Resposta possível: é recomendável aceitar as conclusões do(a) aluno(a), que devem vincular-se às diferenças de entonação, formalidade excessiva, distância da emoção e do cotidiano. Como se a fala não representasse o personagem.

3. Pensemos na literatura: como isso se daria?

Resposta possível: as traduções pouco rigorosas, todo tipo de imitação, faz com que a literatura não pareça autêntica.

4. Imitação será sempre uma falsificação? Por quê?

Resposta possível: a imitação nunca é a realidade. Daí parecer algo artificial, fabricado, distante do real. Por isso sim, uma falsificação.

Observação pertinente:

É importante o professor frisar que a literatura que imitava, copiava ou importava formas de dizer era criticada pelos modernos. Essa literatura era chamada de Parnasiana.

Um pouco da arte pela arte...

Observe o trecho do poema de *Profissão de Fé*, de Olavo Bilac.

(...)

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

(...)

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

Tome nota

Parnasianismo

Anterior ao Modernismo, o Parnasianismo foi um movimento literário surgido na França, século XIX, influenciado pelo positivismo e pelo espírito científico da época. Buscava valores da antiguidade clássica, o respeito às regras de fazer versos, com prevalência de rimas ricas e estruturas fixas como o soneto, além de valorização da norma padrão gramatical portuguesa, e da arte pela arte, com pouca preocupação com o conteúdo social, porque cultuava a perfeição formal.

O estudo desse movimento é aprofundado no ensino médio, quando se estuda versificação (em conteúdos do primeiro ano) e Parnasianismo (em conteúdos do segundo ano).

(...)
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!
(...)
Deixa-o: que venha e uivando passe
- Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

(...)
Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infieis!...

(...)
Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/profissaodefe.htm>. Acesso em 10/03/2018.

Foco no texto

1. Ao que remete a expressão *fino artista*?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s perceba(m) que se trata de um artista refinado, que produz versos sofisticados.

2. As rimas são recursos utilizados pelos poetas para expressarem o sentimento com sonoridade, ritmo e musicalidade. Esse recurso aparece na maior parte dos casos no fim do verso, fazendo coincidir mesma terminação a cada dois ou mais versos. Para além disso, apresentam-se com classes gramaticais diferentes, como em:

(...)
Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infieis!...

A esse respeito, explique a estrofe acima.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s perceba(m) que há mesma sonoridade no emprego de *cultivo* e *nocivo*, dando sonoridade e ritmo à estrofe. As mesmas palavras são representativas das chamadas rimas ricas, que entoam classes gramaticais diferentes.

3. Sobre demais características parnasianas presentes no poema, associe corretamente:

(1) Perfeição formal (2) Erudição (3) Recorre a valores clássicos
(1) Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

(3) Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

(2) *Imito-o. E, pois, nem de Carrara*
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.
(...)

Um outro discurso, da diversidade



Esquete do Grupo Porta dos Fundos “Sotaque”. Disponível em: <https://youtu.be/GVTQO9czBsl>. Acesso em 01 de maio de 2018.

Discutir as variações linguísticas presentes na língua. Formas de dizer por região, classe, idade, dentre outras.

Vamos discutir oralmente?

1. Ao que remete a esquete *Sotaque*?

Resposta possível: **espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) que a fala se manifesta em formas diversas.**

2. O personagem varia a fala? Justifique.

Resposta possível: **varia, apresentando sotaques diversos.**

3. Você já deve ter ouvido alguém falar diferente de você. Conte-nos suas impressões dessa experiência.

Resposta possível: **impressões do(a)s aluno(a)s.**

4. Há variações das formas de comunicação em uma língua. Explique quais.

Resposta possível: **a língua apresenta variações geográficas, históricas, por faixa etária, classe social, dentre outras.**

O lirismo dessa diversidade

Poética

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA [s.d.] apud CAMPOS et al: 2013, p. 78)

Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>. Acesso em 01/04/2018.

O Último Poema

Manuel Bandeira

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Disponível em: <https://www.revistabula.com/564-os-10-melhores-poemas-de-manuel-bandeira/>. Acesso em 01/04/2018.

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/oswal.html#pronominais>. Acesso em 01/04/2018.

Tome nota

Monteiro Lobato pensava diferente...

Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 20 de dezembro de 1917, com o título "A Propósito da Exposição Malfatti", diz assim o autor:

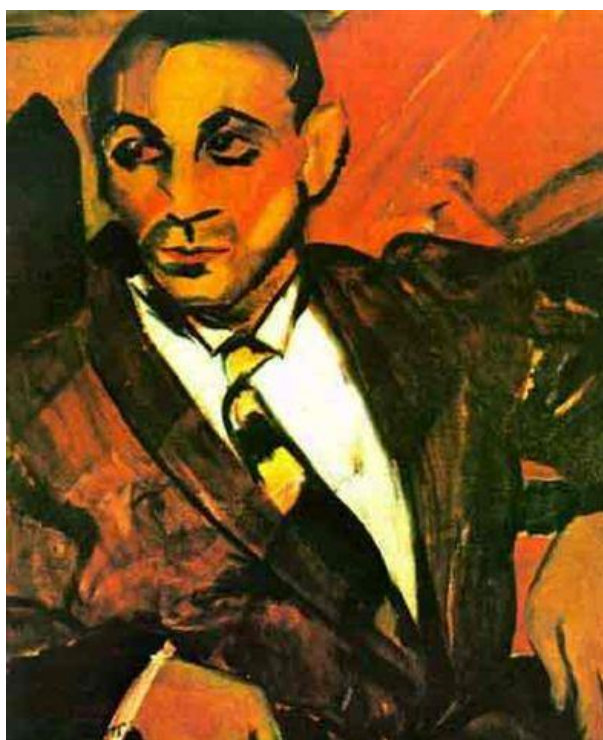
PARANÓIA OU MISTIFICAÇÃO?

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...). A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, (...) são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Escritor brasileiro, nascido em Taubaté, São Paulo. Foi crítico do Modernismo por conta das influências das vanguardas artísticas europeias que esse novo movimento literário recebia. Escreveu diversos livros (*Saci-Pererê* - *O Resultado de um Inquérito*, *Ideias de Jeca Tatu*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Urupês*, *Cidades Mortas*, dentre outros), tornando-se o primeiro a publicar para o público infanto-juvenil, com maior destaque para a obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, adaptada para a televisão aberta.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Os poemas modernistas lidos servem de recursos complementares que se contrapunham ao parnasianismo. Mas também não eram unânimes na época, como pudemos constatar na crítica de Monteiro Lobato às concepções modernistas, particularmente a exposição de pintura moderna de Anita Malfatti. Neste quesito é importante mostrar a pintura criticada, comentando a respeito das características sobre suas formas não convencionais nas artes visuais do período, o que justifica a postura do escritor.



Título: O Homem Amarelo

Ano: 1915-1916

Dimensões: 61 X 51 cm

Técnica: óleo sobre tela

Localização: Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil

Disponível em:

<http://www.arteeartistas.com.br/principais-obras-de-anita-malfatti/>. Acesso em 20 de abril de 2018.

Um pouco mais de discussão?

1. Há diferenças entre as poesias anteriores e a opinião de Monteiro Lobato?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) que sim, destacando a forma, o uso da língua, a questão da rima, dentre outras.

2. Você concorda com Monteiro? Justifique.

Resposta possível: impressões do(a)s aluno(a)s.

3. A opinião de Monteiro Lobato está de acordo com o poema Profissão de Fé. Essa maneira de fazer poesia é atraente em nossos dias? Justifique.

Resposta possível: impressões do(a)s aluno(a)s.

Próxima aula



Agora que você já está familiarizado com a noção do discurso do não, com a linguagem literária que apresenta esse discurso, o manifesto literário, é hora de partirmos para o aprofundamento de alguns aspectos da argumentação que esse gênero mobiliza, tais como: o plano de texto, as fases argumentativas, as sequências e o discurso.

Um pouco mais...Manifesto Antropófago

Objetivos:

- Compreender o plano de texto.
- Reconhecer as fases argumentativas.
- Identificar as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizadas.

O que será avaliado?

- A interação do(a)s estudantes na leitura *manifesto literário*, focando no que eles precisam aprender a respeito sobre o gênero, no que diz respeito à arquitetura textual e a capacidade discursiva.
- Essa leitura orienta-se por atividades coletivas, com intervenções que favorecem a interação entre os estudantes.

Manifesto Antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau.

Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo orecular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas+ fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

São Paulo, 1º de maio de 1928.

Oswald de Andrade

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, Ano 1, No. 1, maio de 1928.

Compreendendo a argumentação no texto...

O objetivo maior no texto argumentativo é fazer o outro convencer-se de nossa ideia. Para isso, não basta, apenas, termos uma posição diante de algum fato ou prática social. Para

além disso, precisamos de argumentos convincentes, para que nossos interlocutores passem a partilhar da mesma ideia que a nossa. Inclusive, nesses textos é comum comentários favoráveis ou contrários para que possamos fortalecer a ideia defendida.

Vamos compreender melhor esse processo argumentativo?

1. O discurso apresenta um expositor predominantemente implicado, isto é, quem fala está presente no texto. Aponte trechos do texto que comprovam isso.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) trechos em que é possível verificar, pela desinência verbal, o sujeito do discurso. Como em: “Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias.”. No trecho, as formas verbais *somos/suprimamos* indica um expositor que se inclui no discurso através do sujeito desinencial *nós*.

2. Há trechos em que não aparece a implicação do expositor. Isso ocorre quando o verbo vem na terceira pessoa. Aponte trechos em que isso ocorre.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) trechos como em: “A alegria é a prova dos nove”. O verbo *ser* na terceira pessoa apresenta um textualizador neutro.

3. Os textos argumentativos apresentam-se com verbos no presente, pois se argumentam algo do aqui-agora, mas há trechos em que o discurso se constrói no passado, como segue:

“Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.”

Análise o trecho e reflita sobre essa escolha de deixar os verbos no passado. Em seguida, comente sobre o efeito de sentido que isso provoca.

Resposta possível: Os verbos no passado são utilizados como elementos de contextualização para marcar a superação histórica da estética anterior sob o princípio da antropofagia. Professor(a), é importante voltar a debater a prática antropofágica e o contexto a que o trecho alude.

4. Esses textos apresentam-se, predominantemente, vinculados ao mundo ordinário, real. Nos manifestos literários, no entanto, há trechos que se apresentam no mundo virtual, da ficção. Apresente um desses trechos e justifique.

Resposta possível: Um trecho que marca o discurso narração, do mundo virtual, aparece em: “Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: *ponha isso no papel mas sem muita lábia*. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.”

5. Como texto de sequência predominantemente argumentativa, o manifesto pressupõe negociação no debate de uma tese que confronta argumentos, apresentados em 4 fases: 1) *premissa/tese/ponto de vista*, 2) *argumentos*, 3) *contra-argumentos* e 4) *conclusão*. Observe as marcações das etapas argumentativas no texto e, em seguida, preencha os quadros à direita com a fase adequada.

Manifesto Antropófago	
Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.	tese
Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.	
Tupi, or not tupi that is the question.	
(...)	
Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.	argumento
(...)	
Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.	
(...)	
Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.	Contra-argumento
(...)	
A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.	
Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.	
(...)	
É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.	argumento
O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?	
Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.	
(...)	
Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.	argumento
Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.	
A alegria é a prova dos nove.	
(...)	
A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.	argumento
Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.	contra-argumento
São Paulo, maio de 1928.	
Oswald de Andrade	
(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928.)	

6. Como podemos explicar a ausência conclusão do Manifesto Antropófago?

Resposta possível: Trata-se de um texto literário, influenciado por vanguardas artísticas que supervalorizam a fragmentação. Por isso, não necessariamente precisa ter uma conclusão.

Um passo adiante no projeto antropofágico: a periferia

Objetivos:

- Utilizar o modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo para avaliar o domínio do gênero manifesto literário.
- Avaliar o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O que será avaliado?

- O desenvolvimento das capacidades de linguagem referentes à leitura do gênero *manifesto literário*.
- O texto sob o qual se pauta a avaliação final é o *Manifesto da Antropofagia Periférica*, em intertexto com os *Manifestos Antropófago e da Poesia Pau-Brasil*.
- Essa atividade final orienta a avaliação dos dispositivos adotados.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Os resultados dessa última atividade devem ser discutidos em correção coletiva e depois comparados com a atividade diagnóstica inicial.
- O instrumento (Ficha avaliativa final) deve ser utilizado para essa avaliação. Ele deve ser entregue a cada estudante, para que possa interagir com a resolução das questões, avaliando as respostas apontadas por ele e pelo gabarito da atividade, de modo que tenha um registro do domínio de sua prática leitora ao final. Esse instrumento encontra-se em formato de tabela e deve ser colado no caderno de atividades do(a) aluno(a).

Manifesto da Antropofagia Periférica

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “Me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

São Paulo, 18 de setembro de 2007.

Sérgio Vaz

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista de Época**, , São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007. Disponível em:

Olhar de contexto

1. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* foi escrito por Sérgio Vaz. Quem é ele? Que papel social ele representa?

Resposta possível: Sérgio Vaz é um artista da periferia de São Paulo, que cumpre um papel de poeta, divulgador das ideias estéticas da poesia que se faz na periferia.

2. Levante hipóteses: por que foi preciso dar um passo a mais na antropofagia? Qual o objetivo desse texto?

Resposta possível: Não se tem museus, nem teatros ou bibliotecas na periferia. A cultura dominante não fala da arte cidadã. Por isso, esse texto objetiva dar um passo adiante e trazer à tona uma arte que se identifique com a construção da cidadania, com a fala dos invisíveis da periferia.

3. A quem é dirigido o texto da Antropofagia Periférica?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s compreendam que o texto é dirigido à própria periferia, porque a arte cidadã não pode ser produzida por quem escravizada, quem impede o exercício da cidadania.

4. Qual a importância da periferia para a literatura?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s destaque(m) que a periferia é um novo passo na construção da identidade nacional, antropofágica, porque traz à tona uma poesia cidadã, dos fatos cotidianos.

5. Em relação aos destinatários nos três manifestos estudados, quais as semelhanças?

Resposta possível:

Ambos não são endereçados explicitamente a uma determinada pessoa. Eles são textos públicos, o destinatário é representado por um grupo de pessoas: no texto 1, os leitores do Correio da Manhã; no texto 2, os leitores da Revista de Antropofagia; no 3, leitores da Revista Época e pessoas identificadas com o universo cultural da periferia.

A organização do conteúdo temático

6. Os manifestos defendem ideias. Textos que defendem ideias podem ser chamados de argumentativos? Por quê?

Resposta possível: Sim. Porque eles não só expressam uma opinião, mas também levantam argumentos (comentários) para defender essa opinião.

7. Quando defendemos uma ideia/tese/opinião/premissa (são todos sinônimos), nós temos que argumentar a favor dessa nossa opinião? Por quê?

Resposta possível: Se não argumentamos, nossa opinião fica frágil. Ficamos meio perdidos no achismo “– eu acho isso, aquilo...”, sem dizer os porquês daquela posição.

8. Em relação à estrutura, o que os três textos têm em comum?

Resposta possível:

- A identificação do emissor e do discurso do não.
- Título, que enuncia uma síntese do texto.
- Corpo do texto.
- Nome do emissor, local, data e meio de circulação.

9. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* estabelece uma relação intertextual com o *Manifesto Antropófago*. Com base nessa relação, associe as expressões do texto de 2007 que remetem ao de 1928, escrito por Oswald de Andrade:

(1) “ter ou não ter...”.

(2) “Periferia”

(3) “Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.”

(4) “Pelo amor, pela dor e pela cor.”

(3) “A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.”

(1) “Tupi, or not tupi that is the question.”

(2) “Antropofagia.”

(4) “Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”

10. O Considerando que em um texto argumentativo, geralmente temos as seguintes fases:

- a) Ideia ou tese
- b) Argumento a favor – comentários favoráveis à ideia apresentada.
- c) Argumento contra – comentários contrários à ideia apresentada.
- d) Conclusão

Observe os trechos assinalados e indique à direita a fase correspondente:

Manifesto da Antropofagia Periférica	
A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.	Tese/ideia
A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.	argumento
Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.	Contra-argumento
A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.	
A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.	argumento
Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.	
Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.	
Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.	
Da Música que não embala os adormecidos.	
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.	argumento
A Periferia unida, no centro de todas as coisas.	
Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.	
Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.	
É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.	Argumento
Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.	
Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.	
Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.	
Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “me ame pra nós!”.	Contra-argumento
Contra os carrascos e as vítimas do sistema.	
Contra os covardes e eruditos de aquário.	
Contra o artista serviçal escravo da vaidade.	
Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.	
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.	
Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.	
É TUDO NOSSO!	conclusão
São Paulo, 18 de setembro de 2007	
Sérgio Vaz	
FONTE: Revista Época, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007	

11. Analise as afirmativas sobre o discurso no manifesto literário:

“(...) Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.

Só **me** interessa o que não é **meu**. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar. (...)

Contra o Padre Vieira. Autor do *nosso* primeiro empréstimo, para ganhar comissão. (...)” (ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

I – há uma representação explícita de um discurso implicado, isto é, marcado pela presença do expositor no texto.

II - marcas verbais indicam que a ação de linguagem coincide com o momento de produção textual.

As marcas linguísticas que confirmam as afirmações são, respetivamente:

a) Os pronomes “me”, “meu” e “nosso” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “interessa” indica que a ação de linguagem coincide com o presente, a realidade.

b) O termo “todos” evoca um discurso isolado, distante do presente e da realidade.

c) O “é”, o “e” e “só” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “é” indica que a ação de linguagem coincide com o presente, da realidade.

d) Os termo “contra”, “para” e “todos” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “interessa” indica que a ação de linguagem não coincide com o presente, da realidade.

e) NRA (nenhuma das respostas anteriores).

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa adequada é a letra **a**, tendo em vista que explica a implicação e a conjunção discursiva.

12. Como vimos, os manifestos são textos de ruptura/contestação. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* rompe com qual estética. Você concorda com esse rompimento? Justifique.

Resposta possível: trata-se de rompimento com a arte que escraviza, vinculada a uma estética elitista, que não fala, nem constrói cidadania, uma arte que não chega à periferia.

13. O expositor aponta que o artista periférico deve estar *a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução*. Por que a verdade é tão importante na periferia? O que é estar a serviço da comunidade?

Resposta possível: a verdade é muito importante porque é transmitida para a periferia a mentira sobre a desigualdade social, as injustiças e a falta de acesso à arte. Ser verdadeiro é ser revolucionário. Desse modo, é tarefa de todo artista-cidadão falar do cotidiano, da vida difícil da comunidade.

14. O fio condutor do discurso no *Manifesto da Antropofagia Periférica* é o jogo entre a periferia e o centro elitista, entre o artista-cidadão e o artista surdo-mudo. Como mudar essa realidade realidade?

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) aponte que uma forma de mudar essa realidade é democratizando o acesso aos bens culturais, acabando com as discriminações de qualquer tipo, o que só é possível revolucionando o mundo, em favor de uma sociedade para todos.

Olhar linguístico-discursivo

15. Explique a fragmentação nos manifestos literários.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) discuta que a fragmentação é uma característica desses textos, não prejudicando seu entendimento, mas representando uma influência vanguardista.

16. Ainda sobre as marcas linguístico-discursivas desse texto, analise as afirmações, colocando V para verdadeira e F para falsa:

(F) Há poucos pontos continuativos, com muitos elementos de retomada.

(V) A escolha lexical se confunde com o fazer estético, marcado pelo paralelismo e pela construção nominal, própria da poesia.

(V) O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo a que se contesta.

17. Determinadas marcas apontam quem enuncia no manifesto literário. Esse processo de enunciação é representativo das vozes que falam no texto. A esse respeito, associe adequadamente:

(1) Voz de expositor, representando os propósitos modernos.

(2) Voz neutra, deduzida da 3ª pessoa do verbo.

(3) Voz de expositor, representando o artista da periferia.

(4) Voz de personagem

(4) “O rei-analfabeto dissera-lhe: *ponha isso no papel mas sem muita lábia*. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)”.

(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

(1) “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”

(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

(2) “A Arte que *liberta* não pode vir da mão que escraviza”.

(VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007.)

(3) “A Periferia *nos une* pelo amor, pela dor e pela cor”.

(VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007.)

18. O trecho “É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.”, o emprego da locução verbal “É preciso”, marca:

- a) uma avaliação dos valores defendidos pela antropofagia periférica.
- b) uma avaliação do conteúdo temático pautada em critérios prováveis.
- c) uma avaliação explicitada nas capacidades da estética do expositor.
- d) uma avaliação que aprecia aspectos do mundo subjetivo.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa adequada é a letra a, tendo em vista que se trata de trecho com modalização deôntica, vinculada aos valores e opiniões do mundo social, periférico.

Ficha de Interpretação Final					
Olhar de contexto	Emissor	Consegue identificar quem escreveu o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo autor?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Receptor	Consegue identificar para quem se destina o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo destinatário?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Objetivo da interação	Consegue compreender o objetivo do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
Análise da arquitetura textual	A organização do conteúdo temático	Identifica o título como síntese do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende o plano (estrutura) do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue identificar as fases argumentativas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as sequências mobilizadas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as marcas de contestação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Localiza as marcas de implicação do discurso no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica os discursos em contraponto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Olhar linguístico-discursivo	Consegue compreender a coesão nominal pela fragmentação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica, na pontuação, o predomínio de ponto continuativo, com poucos elementos de retomada?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica escolhas lexicais que primam pela nominalização?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica a coesão verbal marcada pelo tempo presente	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende adequadamente quem fala no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica com propriedade os julgamentos mobilizados?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. São Paulo: **Revista de Antropofagia**, n.1, ano 1, maio de 1928. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/antropofagico.htm>. Acesso em 12/03/2017.

_____. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo: **Jornal Correio da Manhã**, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3629805.pdf>. Acesso em 12/03/2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O manifesto como poética da modernidade. São Paulo. **Revista Literatura e Sociedade**: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. n. 21, 2015. p. 5 -17.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** - 5ª edição histórica 100 Anos. Rio de Janeiro: editora positivo, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, 2013. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi.

Apêndice: Conceitos centrais do ISD

O modelo de análise de textos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

O modelo de análise de textos do ISD apresenta dois níveis: um relacionado ao contexto de produção e, o outro, voltado à arquitetura interna, também chamado *folhado ou arquitetura textual*.

A compreensão do contexto de produção para a leitura dos textos

Bronckart (2009), aponta dois mundos que mobilizam o contexto da ação de linguagem:

a) *o mundo físico*, que mobiliza coordenadas espaço-temporais voltadas para uma ação de linguagem situada em um *lugar físico e em um momento de produção*, feita por um *emissor* para um *receptor*, inseridos numa situação imediata; e

b) *o mundo sociossubjetivo*, que vincula a ação de linguagem à *interação entre o mundo social e o subjetivo*, ambos estabelecidos pelas *normas/valores* e pela *imagem que o agente-produtor faz de si e do destinatário ao agir*, inseridos numa situação mais ampla do contexto social, histórico e ideológico da comunicação.

A esse respeito, observe o quadro:

Quadro 1: mundos formais e condições de produção

Mundo físico		Mundo sociossubjetivo	
Contexto das coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.		Contexto das normas e valores sociais, bem como da imagem que o agente faz de si e do destinatário ao realizar uma ação de linguagem.	
Coordenadas	Questionamentos mobilizados	Coordenadas	Questionamentos mobilizados
O <i>lugar</i> físico de produção.	De onde escreveu?	O <i>lugar social</i> no qual o texto é produzido (escola, família, igreja, movimento artístico, social, sindical, político, etc.).	Que instituição ou lugar social representa?
O <i>momento</i> de produção.	Quando foi escrito?	Os <i>objetivos da interação</i> .	Quais efeitos o enunciador pretende

			produzir no destinatário?
O <i>emissor</i> : pessoa que produz fisicamente o texto.	Quem escreveu?	A posição social do emissor ou <i>enunciador</i> .	Qual a posição social de quem enuncia?
O <i>receptor</i> : a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto.	Para quem?	A posição social do receptor ou <i>destinatário</i> .	Qual a posição social de quem recebe a enunciação?

(Adaptado de Bronckart, 2009)

A arquitetura textual

Há três níveis de organização interna dos textos:

a) no nível mais profundo, há a *infraestrutura global*, que compreende o plano geral (organização resumida das partes constitutivas), os tipos de discursos (interativo, teórico, narração e relato interativo) e de sequências (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva, dialogal, script e esquematização).

b) no nível intermediário, ocorrem os *mecanismos de textualização*, que articulam a progressão do conteúdo temático dos textos, a partir de unidades linguísticas que marcam as relações de continuidade, ruptura e contraste, agrupadas em três grandes conjuntos: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Há quatro tipos linguísticos que marcam a conexão, segundo Bronckart (2009):

- 1) advérbios ou locuções adverbiais
- 2) sintagmas preposicionais
- 3) conjunções de coordenação
- 4) conjunções de subordinação

Quanto à coesão *nominal*, dar-se-á a partir da explicitação de relações de dependência entre referentes, sendo realizada por anáforas, nominais ou pronominais, constituindo uma organização em cadeia (Barros, 2012, p. 61).

Finalmente, a coesão verbal, que se dá através das escolhas dos verbos, e respectivos tempos, que contribuem para dar coerência temática aos textos.

c) no nível mais superficial, há os *mecanismos de responsabilização enunciativa*, que apresentam as vozes e as modalizações. Neste nível, ocorre a coerência pragmática (ou interativa), definida tanto pela responsabilidade do que é enunciado quanto pelas avaliações contidas no conteúdo temático.

Vejamos como elas se apresentam:

a) Voz do expositor

Corresponde à a voz que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado. Bronckart (2009, p. 328) assim exemplifica:

Ex.: “Mas chegou o momento de te revelar – ó meu leitor [...] – que não vimos a Bangkok, Sua Majestade Bérurier e eu, para elucidar esse tipo de quebra-cabeça chinês. (F. Dard, *A prende ou à lécher*, p.26).

No trecho acima, a expressão *ó meu leitor* atribui a responsabilidade pelo que é dito a F. Dard, escritor.

No Manifesto da Poesia Pau-Brasil, essa responsabilidade pelo que é enunciado aparece na avaliação que o expositor faz daquilo que fala, como em: “(...) A contribuição milionária de todos os erros. Como *falamos*. Como *somos* (...)”, em que o dêitico pessoal “nós”, inferido da forma desinencial de “falamos” e “somos”, remete-se aos erros que constituem a grande contribuição de nossa cultura.

b) Voz neutra

Diz respeito à voz do narrador ou do expositor/textualizador, como instância geral da enunciação, deduzida, principalmente, do uso da 3ª pessoa:

Ex.: “(...) A estatuária *andou* atrás. As procissões *saíram* novinhas das fábricas. Só não se *inventou* uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano. Ora, a revolução *indicou* apenas que a arte voltava para as elites (...)”. (Manifesto da Poesia Pau-Brasil)

c) Voz de personagem

A voz secundária de um personagem pode proceder de segmentos de textos na primeira pessoa ou na terceira pessoa, conforme destaque no trecho que segue:

Ex.: “(...) Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. *O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia*. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)”. (Manifesto Antropófago)

Como se observa, a voz de personagem aparece, no segmento exemplificado, marcada pelo dêitico pessoal “lhe”, que retoma “rei-analfabeto”, personagem que fala no texto, determinando que seja posta uma norma para o estabelecimento de um imposto sobre o açúcar, no trecho “ponha isso no papel mas sem muita lábia”.

c) Vozes sociais

São as vozes provenientes de personagens, grupos ou instituições sociais, mencionadas como instâncias externas e, por isso, não intervêm como agentes de um dado segmento de texto.

Ex.: “(...) *Contra o Padre Vieira*. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)”. (Manifesto Antropófago)

Constata-se a referência a voz externa do Padre Antonio Vieira (1608 – 1697), que foi um reconhecido intelectual, erudito, qualidade que o tornou conselheiro e diplomata do rei, inclusive, propondo a criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil e, com ela, o tributo sobre produtos como o açúcar, conforme aponta Loureiro (2015, p. 12).

Outra instância de responsabilização enunciativa, traduzida nos diversos comentários ou avaliações dentro de um conteúdo temático, pode ser encontrada nas modalizações:

a) Modalização lógica

Avalia aspectos do conteúdo temático, pautados em critérios e conhecimentos (certos, possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc.)

Ex.: “(...)O estado de inocência substituindo o estado de graça que *pode ser* uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica (...)”. (Manifesto Antropófago)

A avaliação do mundo objetivo é atestada pela presença da locução verbal “pode ser”, que tem mesmo valor semântico de “é possível”, indicando uma probabilidade de construção identitária, em oposição ao academicismo que dominava o fazer estético do período em que o manifesto tinha surgido.

b) Modalização deôntica

Avalia aspectos do conteúdo temático procedentes das regras, dos valores e das opiniões do mundo social.

Ex.: “(...) Expulsamos a dinastia. *É preciso* expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte (...)”. (Manifesto Antropófago).

Neste segmento, o emprego da locução verbal “É preciso”, representa uma prescrição utilizada pelo actante para evidenciar a opinião contrária ao Brasil que ainda carrega valores do tempo de colônia de Portugal.

c) Modalização apreciativa

Avalia aspectos do conteúdo temático, procedentes do mundo subjetivo.

Ex.: “(...)Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas *nunca* admitimos o nascimento da lógica entre nós (...)” (Manifesto Antropófago)

Como se pode constatar, o emprego do advérbio de tempo “nunca”, representa um julgamento do actante em relação à admissão do nascimento da lógica entre nós, brasileiros. Forma semelhante encontramos no Manifesto da Poesia Pau-Brasil:

“(...) A *nunca* exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos (...).”

d) Modalização pragmática

Explicita as intenções, razões ou capacidades de ação do agente do texto.

Ex.: “*Temos* a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.

Uma visão que *bata* nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.” (Manifesto da Poesia Pau-Brasil).

As formas verbais “temos” e “bata” dizem respeito a um agente (nós) que propõe à ação de projetar a visão de bater sobre as realizações modernas (turbinas elétricas, usinas, etc.), em sintonia com a nossa identidade (Pau-Brasil).

Os Tipos de discurso

O ISD desenvolveu o conceito de tipos de discurso (TD) associado aos chamados *mundos discursivos ou da enunciação*, levando-se em conta: de um lado, a organização temporal dos enunciados; de outro, a organização atorial, isto é, os agentes mobilizados no

texto, bem como a situação de produção. Com se poderá ver em seguida, não estamos tratando dos discursos presentes em sequências textuais conversacionais ou dialogais, comuns na fala de personagem em gêneros predominantemente narrativos.

Do ponto de vista da organização temporal, os enunciados podem se dar de forma *conjunta* ou *disjunta*. Assim, ocorre relação de *conjunção* quando a ação de linguagem se dá no mundo real/ordinário, coincidindo no tempo e se traduzindo na *ordem do expor*, com os discursos *teórico* e *interativo*. Por outro lado, a relação estabelecida de *disjunção* entre os enunciados se dá na *ordem do narrar*, com os discursos *relato interativo* e *narração*, que apresentam o conteúdo temático distante do mundo real/ordinário, não fazendo coincidir o tempo com a situação de produção.

De modo análogo, a relação entre os agentes mobilizados no texto e a situação de produção, evidencia a organização atorial, que destaca os tipos psicológicos correspondentes, e ocorre de duas formas: *implicada* e *autônoma*. A primeira, aparece nos *discursos interativos* e nos *relatos interativos*, porque fazem coincidir os agentes mobilizados no texto e na situação de produção; a segunda, diz respeito ao *discurso teórico* e à *narração*, em que os agentes mobilizados no texto não coincidem com os da situação de produção.

Os TD têm importância central para análise do texto, porque incorporam as línguas, as linguagens e os estilos como elementos constitutivos da heterogeneidade textual, sendo, por isso, uma das características dos gêneros, diretamente associada ao agir linguageiro, conforme pontua Machado (2005, p. 245). Observe a síntese dos TD no quadro:

Quadro 2: Tipos de discurso

		ORGANIZAÇÃO TEMPORAL	
		Coordenadas gerais dos mundos e dos tipos de discurso	
		Ordem do Expor (conjunção)	Ordem do Narrar (disjunção)
ORGANIZAÇÃO ATORIAL	Implicado	Discurso Interativo	Relato Interativo
	Autônomo	Discurso Teórico	Narração

Bronckart (2009, p. 157)

Semiotização dos discursos em unidades linguísticas

Em cada tipo de discurso ocorre a semiotização (tradução) tipo linguístico, formado por um conjunto de unidades linguísticas que o caracterizam. Vejamos como, em cada mundo discursivo, isso aparece caracterizado.

Em relação aos textos que se apresentam implicados, temos as seguintes características linguísticas, conforme Bronckart (2009, p. 166-176):

a) Discurso interativo:

- Pode ser dialogado ou monologado, oral ou escrito;
- Alternância de turnos de fala nas formas dialogadas;
- Presença de unidades que remetem à interação verbal (real ou encenada);
- Presença de frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas);
- Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso

(Benveniste): presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico; geralmente, com valor dêitico;

▪ Presença de unidades que remetem: a objetos acessíveis (ostensivos), ao espaço (dêiticos espaciais) e ao tempo (dêiticos temporais);

▪ Presença de nomes próprios, verbos e pronomes de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal (valor exofórico);

▪ Presença do pronome indefinido *on*, com valor de primeira pessoa do singular ou do plural. Em português: a gente, você;

▪ Presença de anáforas pronominais;

▪ Presença de auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, etc.);

▪ Densidade verbal elevada;

▪ Densidade sintagmática baixa.

Exemplo desse tipo de discurso encontramos no segmento a seguir do Manifesto Antropófago:

“(…) Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos. (...)”

b) Relato interativo

- É monologado em princípio;
- Desenvolve-se em situação de interação;

- Tem caráter disjunto, implicado, do mundo construído;
- Ausência de frases não declarativas;
- Os tempos verbais mais dominantes são: o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo associar-se a esses, os tempos pretérito-mais-que-perfeito, futuro simples e futuro do pretérito;
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);
- A presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa;
- Presença dominante de anáforas pronominais;
- Densidade verbal semelhante ao discurso interativo.

Exemplo desse discurso consta no segmento que segue, presente no Manifesto Pau-Brasil:

“(…) Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju (...)”

Quanto aos textos que se apresentam de forma autônoma, disjunta do momento da produção, temos as características linguísticas que seguem, em conformidade com Bronckart (2009, p. 170-179):

c) Discurso teórico

- Apresentação, em princípio, sob a forma monologada e escrita;
- Ausência de frases não declarativas;
- Explora o mesmo subconjunto de verbos presentes no discurso interativo, com nítida dominância do presente e do futuro do pretérito;
- ausência de unidades que remetem aos interactantes ou espaço-tempo da produção, como os ostensivos, os dêiticos espaciais e temporais;

- ausência de nomes próprios e de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular com valor exofórico, ou ainda de verbos na primeira e segunda pessoa do singular;
- presença de organizadores com valor lógico-argumentativo (como, de outro lado, de fato, primeiro, mas);
- presenças de numerosas modalizações lógicas e do auxiliar de modo poder (de modo geral, é evidentemente difícil, aparentemente, poderiam, podemos, pode, etc.);
- Presença de procedimentos de referência metatextual, intratextual e intertextual;
- presença de numerosas frases passivas;
- grande frequência de anáforas nominais e pronominais e de referenciação dêitica intratextual;
- densidade verbal fraca;
- densidade sintagmal elevada.

Exemplo:

“(...) O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores (...)”. (Manifesto Antropófago)

“(...) O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos. A síntese. O equilíbrio. O acabamento de carrosserie. A invenção. A surpresa. Uma nova perspectiva. Uma nova escala. Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil. (...)” (Manifesto da Poesia Pau-Brasil)

d) Discurso narração

- Apresentado sob a forma escrita e monologada;
- Comporta apenas frases declarativas;
- Tem caráter disjunto autônomo do mundo discursivo;
- Os tempos verbais mais dominantes são o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo ser acrescido o mais-que-perfeito composto, o futuro do pretérito e as formas complexas (aux. do imperfeito+infinitivo);
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);

▪ Ausência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem ao agente-produtor ou ao destinatário;

- Anáforas pronominais;
- Anáforas nominais, que retomam sintagma antecedente, com substituição lexical;
- Densidade verbal mediana, em relação aos discursos interativo e teórico;
- Densidade sintagmática mediana.

Um trecho do Manifesto da Poesia Pau-Brasil assim exemplifica:

“(…) A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha. A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.(…)”

Capacidades de linguagem: o propósito da análise de textos

A análise de texto deve levar o ser humano a desenvolver capacidades de linguagem. (Bronckart, 2009). Tais *capacidades* relacionam-se com as aptidões requeridas do agente produtor para agir socialmente, sob a mediação de um gênero, constituído histórico e culturalmente. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), elas constituem-se de três tipos, interligados e indissociáveis para o domínio de um gênero:

a) *capacidade de ação*, que possibilita ao agente-produtor fazer representações do contexto de produção da ação de linguagem, nos parâmetros físico, social e subjetivo;

b) *capacidade discursiva*, que permite ao agente produtor fazer escolhas discursivas, situadas na arquitetura ou folhado textual, como o plano geral do texto, o tipo de discurso e de sequência, mobilizados para o gênero escolhido;

c) *capacidade linguístico-discursiva*, que possibilita ao agente produtor realizar operações linguísticas, com os mecanismos de textualização, e operações discursivas, com os mecanismos enunciativos.

Tais capacidades diferem em relação aos níveis de análise do texto, porque enquanto estes pertencem ao texto enquanto objeto empírico, de descrição, aquelas pertencem a um estatuto psicológico, de internalização pelo sujeito, dos requisitos fundamentais para a ação de linguagem.

Sob a perspectiva da transposição didática de gênero

Transpor didaticamente significa articular sistema de ensino, didático e o saber a ensinar, de modo que haja um movimento de transformação do saber, passando pela invenção, transmissão e aplicação, para a concretização em saber prático, aprendido. Esse conceito de transposição didática foi criado por Verret (1975) e desenvolvido por Chevallard (1985), que também defendeu a criação da didática como disciplina científica. Atualmente, ele tem sido difundido por Bronckart (2009) e os demais pesquisadores de Genebra (particularmente, Dolz, Noverraz e Scheneuwly), que o introduziram como noção basilar nas didáticas das disciplinas escolares (em especial, das línguas), conforme aponta Jorge (2014, p. 239-240).

Isto implica desenvolver dispositivos operacionais que criem as condições para a didatização do saber mobilizado por um gênero. Tal tarefa requer:

“Planificar la materia que se va a enseñar, crear y adaptar dispositivos didácticos, introducir innovaciones, asegurar la gestión de la dinámica de la clase, regular las interacciones con los alumnos para asegurar los aprendizajes y evaluar las adquisiciones y los resultados de su trabajo son algunas de las principales tareas del docente (Dolz: 2009, p. 1).

Dos elementos apresentados como tarefa docente no trabalho com gêneros de texto, o procedimento Sequência Didática (SD), desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), é fundamental, porque corresponde a uma sequência de atividades, orientadas, originalmente, para o oral e a escrita, de modo a contemplar as seguintes etapas: a) *apresentação da situação*, quando o docente deve detalhar a tarefa a ser realizada, de modo a situar os estudantes na ação de linguagem a que o gênero adotado se vincula, culminando com a primeira produção, que deverá permitir ao professor avaliar as capacidades já adquiridas pelos discentes; b) *etapas de aplicação dos módulos de atividades*, que deve favorecer ao domínio do gênero, discursiva e linguisticamente; e d) *na etapa de produção final*, deve-se avaliar o dispositivo adotado, para destacar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

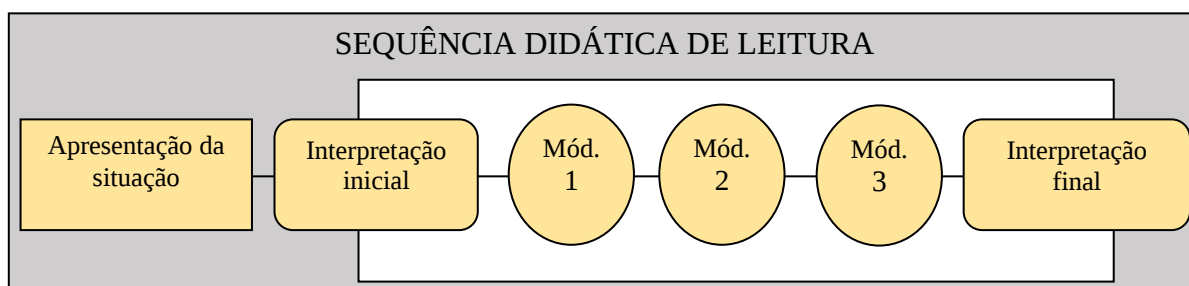
A adoção de tais atividades devem levar em conta:

- a modelização do gênero como incorporação do conceito vigotskiano de imitação;
- a interação como perspectiva de trabalho;

- o domínio do gênero para utilização desse instrumento em situação escolar ou em contextos sociais;
- redirecionamento da prática docente do eixo gramatical para uma perspectiva sociodiscursiva.

O procedimento Sequência Didática de Leitura (SDL)

Adaptado de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), uma Sequência Didática de Leitura (SDL) deve contemplar: a apresentação da situação de leitura, seguida de um diagnóstico, a partir de uma atividade de leitura (interpretação inicial), ao invés de produção inicial; em seguida, uma sequência de módulos de estudo, dedicados à leitura com foco na arquitetura textual (plano de texto, sequências, discurso, coesão nominal e verbal, além da responsabilização enunciativa), finalizando com uma atividade de interpretação final, conforme representação:



É importante que tais atividades sejam organizadas de modo a contemplar questões relacionadas ao contexto e a arquitetura textual, devendo ter os resultados das atividades inicial e final confrontados para poder avaliar, adequadamente, o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Neste sentido, cabe ao professor criar instrumentos de coleta de tais resultados para poder acompanhar a *zona de desenvolvimento* de cada estudantes, podendo adaptar as atividades às especificidades de cada turma de alunos.